

Teresa Salema: A tenda – O capítulo do romance *A Estrada de Gebrael*

O pior passou. Pelo menos é o que se sente, o que se diz aqui. Agora é questão de abrigar-se de noite, as temperaturas caem quase de repente com a luz e um vento gelado de pó entra neste abrigo, o pó está aqui desde sempre, nos tapetes, nas mantas, no estrado que faz de mesa onde nos põem chá, quando acontece. Não serve de nada dizer que me dêem as folhas das ervas e um púcaro com água que eu faço tudo o resto. Respondem-me sempre por gestos e não chego a perceber se é sim ou não. Ou antes, creio que a resposta é qualquer coisa como: Neste lugar não se pode acender nenhuma espécie de lume e de todas as maneiras está-se sempre a fazer uma panela de chá para toda a gente daqui.

Não é preciso acrescentar o que se sabe: toda a gente que mora aqui mais a que veio parar aqui.

Todo o dia se cozinha, se ri, se pragueja, por vezes se chora, se passa para trás e para diante em pequenos grupos, de braço dado, mulheres com mulheres, homens com homens, acho curioso e não tenho língua para perguntar onde estão as crianças. Melhor, para onde foram, pois deixaram de se ouvir nos últimos dias. Para onde as levaram. Basta saber que é perigoso passar a cerca para o que está dentro dela se tornar num oásis, digamos de emergência - nesse oásis que alguém terá querido construir aqui no meio desta espécie de deserto, melhor, desta terra seca e gretada. Ainda se vêem pedaços das palmeiras que não sobreviveram às tempestades de poeira que tudo queimam e sufocam e se pegam às casas e às tendas.

Ao princípio, revoltava-me ter de ficar, de esperar por melhores dias, por outra maneira de assentar o pó. Agora, só desejo que levem muito tempo a esquecer que existo, a começar pelas autoridades do país onde nasci e a terminar em Al. Sempre tinha dito a Al: não se mostram feridas, retiramo-nos quando se sente uma ferida, como um animal para lamber-se, obsessivo, escondido mas exposto ao ar para que a ferida seque. Depois pode exibir-se a cicatriz, deve-se até exibi-la, é sinal de persistência, talvez sirva de exemplo a quem gosta de ter as feridas em exposição. Al nunca pareceu entender. Mas os meus companheiros aqui já começam a perceber, de tal maneira que deixaram de fazer perguntas. Vejo-os à hora das refeições ou do chá ou à noite. Um pequeno molho de figuras, de humores, de experiências. Falamos todas as línguas, as nossas e as dos outros, trocadas, pedidas emprestadas, cedidas, pervertidas. Reste-nos isso. Também para lidar com os nossos anfitriões. Uma pergunta permanece tabu: Como vieste parar aqui? Tudo o resto é livre de ser contado e rimado, entre nós claro.

Por que não chamar-lhes assim, anfitriões, mesmo que seja só por gestos. Ou pelos olhos, que antes me pareciam facas mas que agora acho doces, pestanudos, aveludados. Não me importa que sejam firmes, que imponham limites à saída para o exterior, se aqui dentro nos deixam andar por todo o lado. A verdade é que não precisam de nos controlar porque nos tiraram todos os aparelhos de comunicação com o exterior. Sabem que não nos interessa entrar nos seus cubículos de terra, nos compartimentos deles e delas, separados e juntos, porque também não queremos que nos façam perguntas. Dão-nos papel e lápis, lápis grossos como eu já não via desde criança, preciosos nestas paragens. Todos sabemos como é inútil querer passar a linha de visão tremida pelo pó, sair destes recintos onde tanto parece estar-se fora como dentro, onde faz de dia um calor de zinco e à noite um frio continental. Por isso nos servem a toda a hora chá, acho eu.

Não sei bem o que irão fazer de nós, se é que querem fazer algo de nós, mas ao menos mantêm-nos hidratados, digo sempre aos outros. E eles também não sabem, mas nenhum se sente capturado e não vejo sinais de medo, nem no riso de Ingrid sempre

cheio de segundos sentidos, nem nos trocadilhos de Juán, o nosso poliglota de serviço que é o único que arranha algumas palavras com os nossos anfitriões e que consegue fazê-los sorrir, provavelmente porque deve ter tão má pronúncia como em todas as línguas que lhe ouvimos falar. Juán faz-me lembrar Al. Uma certa maneira de olhar de soslaio, desconfiada. Um riso que mostra os dentes por debaixo de um bigode muito estimado, como para compensar alguma perda de cabelo ou apenas para cultivar um atributo de estimação, que se vai aflagando ao longo das horas.

Mas Juán não é Al, nem as horas são intermináveis. O tempo flui sem relógios, mas anoitece sempre com frio e pó. Para poupar a luz dos candeeiros a gás, é preciso fazer toda uma série de economias em cadeia, do lápis, da faca que o afia (e com que Juán, presumo, apara o bigode), do papel de péssima qualidade e que parece querer fazer aguarela daquilo que só tento escrever uma vez, sem emenda nem borracha. Entre uma página e outra, às vezes só entre algumas linhas e outras, ouço chamarem-me lá fora, não dizem o meu nome mas sei que é a mim que chamam, e quando não vou espreitar alguém entra por aqui dentro e tira-me as coisas de cima dos joelhos. Mas não entendem a língua em que escrevo, mais ninguém entende.

É melhor ir. Não sei porquê, ninguém me obriga. Não por espírito de obediência, mas talvez por um sentido de compromisso, de troca, de conquista de uma pequena liberdade à volta do corpo, de um impulso nascente de novas comunidades, mesmo sabendo como são frágeis e precárias.

De volta do transporte de água, em vasilhas de plástico e não de barro, o plástico está em toda a parte e o barro vai fazendo cada vez mais parte de uma memória artesanal, podemos finalmente descansar, escrever. A água pesa mesmo no plástico e o tempo de espera é interminável, só existe uma fonte com um fio a correr – para quantas pessoas? Devia começar a contá-las, fui criada numa família com paixão pela estatística. A água não tem qualquer garantia de salubridade. Mas o tempo parece ser todo, mesmo para ferver água, para deixá-la arrefecer. Pelos meus cálculos deve ser sábado.

Isto porque há ainda quem tivesse improvisado um ou outro lugar de culto, já não no centro, se é que aqui existe um centro, mas nas zonas mais periféricas, um quadrado a olho, umas pedras, as pessoas trazem os seus objectos e voltam a levá-los e a escondê-los. Estamos entre sexta e sábado, creio. Acabaram os cultos de sexta e ainda não começaram os de sábado. Nem os de domingo, esses sim são-me familiares, mas já estou muito longe da infância, da família em que só os avós os praticavam. Quantas vezes fui assistir a uma missa só para ver, ouvir e cheirar como era. A avó contava-me das missas em latim, mais mágicas porque não se percebia nada, apesar de terem um missal nas duas línguas. Recitavam as fórmulas e acreditavam estar a dirigir-se a uma figura que se sentia como se estivesse a espreitar por detrás de uma porta. Mais tarde, quando se começou a dizer missa na língua de todos os dias, a ela já lhe parecia um negócio com Deus, toma lá, dá cá, e ir à igreja era cada vez mais como ir a um mercado. Mas depois dizia também: Nada contra as igrejas, tudo contra as religiões quando se soltam dos rituais e tomam o freio nos dentes. Foi uma das primeiras mulheres doutoradas em teologia.

A quantas missas fui, eu que sou agnóstica, desde que aderi àquela causa.

Mas eram outros tempos. Naqueles anos da vida em que ninguém é suposto ficar em casa no sábado à noite, preferia vadiar sozinha, sem dinheiro nem destino, só com a chave de casa e o sentido de orientação, que agora de pouco serve. Ou não? Haverá um sentido orientado para os interstícios mais íntimos, para explorar portas e paisagens insuspeitas? Lembro como me dava um prazer enorme olhar para dentro das janelas iluminadas, essas que não tinham nada a esconder, nem famílias diante de um écran

cada vez maior, nem cabeças estudiosas coladas a uma lâmpada baixa ou a outros écrans. Agora vejo como tudo eram jogos, nos circuitos das ruas que conhecia bem de mais, jogos sustentados, penso agora, pela previsibilidade dos acontecimentos grandes e pequenos, mesmo os que se tornavam notícia, nem sempre má. Como a libertação de reféns. Mas não somos reféns.

Nunca ficava em casa no sábado à noite. Mas raramente ia àquelas missas profanas, àquelas assembleias de corpos com músicas de ensurdecer, com gargalhadas insuportáveis, pontas de frases, vômitos de letras. Bastava-me experimentar uma ou duas vezes e depois passar à felicidade de imaginar tudo, acelerar ainda mais todas as rotações na imaginação, o desgaste, o envelhecimento, tudo invisível e presente, a falta desse sentido barroco do mundo que pode suspender tudo e transformar em estátua cada figura a dançar para um espelho, real ou alucinado. Mas aqui e agora ao sábado à noite nada mais nos resta do que fazer como nos outros dias e nas outras noites, lambar feridas, esperar que elas curem ao frio da noite, agradecer por toda a espécie de gestos aos nossos anfitriões, por nos deixarem ir ficando aqui, com a ilusão para o exterior de que somos prisioneiros, quando é uma dádiva tudo o que recebemos, o chá, as mantas, o papel e o lápis, a linha do horizonte que somos livres de transpor. Mas acho que nenhum de nós quer fazê-lo. Ou falo só por mim? Todos conhecemos os riscos. Precisamos da protecção daqueles de quem lá fora se diz provavelmente que nos mantêm como reféns, que nos maltratam, que nos torturam, que ameaçam fuzilar-nos. Suponho. Mas só posso supor porque não tenho meios para informar-me. Será que os queria ter? Por agora, sabe bem passar ao largo da obsessão de ler jornais, de ver notícias na televisão. Tudo coisas de tempos que parecem já remotos.

Não sei quando vou sair daqui.

Não sei se vou algum dia querer sair daqui. Não que me agrada ficar sem os meus objectos, já não penso na câmara fotográfica, fora de moda porque nunca foi digital, nos aparelhos de comunicação onde tinha gravados os números de telefone de que tão pouco me esqueci, Lou sempre dizia que invejava a minha memória para números. Mas Lou já não está aqui, não sei se foi embora de livre vontade ou se o levaram, faz-me falta física. Gosto de ter sido isolada, fui eu que pedi para mudar o sítio onde durmo, onde ordeno as coisas, onde tento compreender as imagens que não me abandonam nunca. Transferi-me, por assim dizer, quando julguei que Juán e Ingrid se aproximavam de noite, que pretendiam estar sós, e eu sem o mínimo interesse em saber se ficavam juntos ou separados, quanto mais em aperceber-me dos seus rumores.

Estou a fazer desvios. Mas hei-de continuar a fazer desvios até sentir que acabo de vez por envelhecer, por deixar crescer a raiz dos cabelos brancos até que a cabeleira tingida de castanho se torne num emaranhado de pontas para cortar ou desembaraçar com os dedos, até que tenha a sensação de que o mundo mudou de tal maneira que já ninguém quererá saber de pessoas como eu e muito menos do que alguns disseram que eu fiz. Nem Al, nem Lou, nem qualquer autoridade da terra onde passei a maior parte do tempo. Então vou regressar, se nessa altura ainda puder gozar dessa ilusão de mobilidade com que tantos vivem, se as mulheres daqui não me tiverem enredado nos seus hábitos, na sua língua, na sua cozinha, no seu calor, na sua respiração, no seu sufoco.

On n' oublie rien de rien, cantava o outro. Habitamo-nos a tudo. É também um risco, talvez maior do que querer sair daqui.

Com uma esteira e mantas sobrepostas, assim passamos horas no frio da noite, muito perto do chão, sentados, deitados, quando não descansamos dos trabalhos pesados, embora voluntários, pelo menos para mim. Pomos ordem nas memórias que não têm lógica, digo nós, digo e penso sempre nós para acreditar na normalidade de tudo o que

aqui sucede. Depois, há intervalos em que me escapo para dar longos passeios circulares entre as construções provisórias e as destruídas sem tempo para reconstruir o que quer que seja. E entre as tendas.

Mas as moradas mais provisórias podem ser as mais confortáveis. Tirando o frio da noite, os tapetes velhos que nos deram como chão continuam a ligar-nos à terra e ao mesmo tempo a amparar-nos os passos. Mas não me admirava se um dia destes nos dessem para as mãos um trabalho de arrumação, de instalação, de maior responsabilidade do que ir buscar água. Ao contrário de muitas das pessoas que estão aqui há menos tempo, ninguém se queixa. Os outros que fazem queixas estão sobretudo a fazer exercícios de voz, parece-me, porque no fundo sabemos como ainda nos tratam bem de mais. Mas isso nenhum de nós pode dizer em voz alta.

Estão aqui várias gerações, devo ser das mais velhas tirando Juán, tirando Ingrid, não tirando Lou que já não está aqui, tirando a competição feroz que faz rondar pelas tendas aquela mulher com sardas, boca rasgada, caracóis ruivos-grisalhos e testa de leoa, mal o sol se põe. Pobre Ingrid. Bastava-lhe ser um pouco mais consoladora para ter Juán ao ombro que é o que ela mostra descaradamente querer, tanto pior para ela se não aprendeu, nos anos em que isso talvez se aprenda, que quem não é maternal tem de armar-se de artes de directora de colégio, o que é muito mais difícil porque exige outros instintos mais apurados pela abstracção, melhor, por um desejo de abstrair e separar, mais saber, mais fazer. Só uma mãe ou uma directora pode manter homens ao ombro, quando o frio chega aos tapetes e as mantas não tapam o mal-estar nos ossos, a não ser que se dê lugar a outras linguagens, já que aqui é também tão difícil arranjar de beber e tão suspeito o que sai sabe-se lá de que alambiques artesanais. Mas é preciso para isso ficar acordada até às horas em que alguns grupos se juntam e tiram cá para fora bebidas escondidas. É possível que não mereça, mas o que é facto é que durmo o sono dos justos, nada feito. Tenho chá, tenho água fervida, o pão que se segura entre dois dedos, tâmaras, sou alheia à carne.

Por que gostam tantas pessoas de recordar primeiras noites – não apenas as de amor? Só se for para verificar, uma vez e outra e outra, que há momentos muito mais memoráveis e por isso mesmo mais silenciados por que têm de sê-lo e sobretudo permanecê-lo. Mas por que não recordar antes aquela tempestade de areia, não à noite mas ao fim da tarde, em que tive de ensinar a Juán como enrolar-se no lenço para não ficar com a garganta seca e os olhos colados, e ele a rir-se das vantagens que afinal séculos, não milénios dizia eu, não, apenas séculos, respondia ele, bom, em todo o caso eternidades de opressão tinham ensinado às mulheres para elas poderem ensinar aos homens o que vão aprendendo por detrás de tantos biombos, e eu a dizer-lhe - Olha que biombo na língua da Ingrid diz-se parede espanhola.

Não sabia, respondeu.

Será que trazemos em nós, à medida que envelhecemos, ainda muito vivas todas as idades que tivemos e também todas as idades do mundo, aquelas que nos chegaram através dos relatos que fomos obrigados a ler, mais aqueles que escolhemos ler? Como se arrastaria no fim dos anos um escriba dessas civilizações que não conheciam (tanto quanto sei, mas não sei) o suicídio, essa livre opção de não ceder à quebra da energia, ao desvanecer do entusiasmo? Os padrões de beleza vêm por arrastão, intuição, mimesis, rebeldia. Mas aí onde pessoas como Al pretendem ter a última palavra, que fazer senão fugir?

A comunidade, todos parecem querer responder. Mas prefiro responder depois de se terem calado, ou esgotado, porque sinto também cá dentro uma comunidade de épocas e gerações, gentes, línguas. Que responder a Juán naquela tarde? Não havia portas. Os mesmos panos que nos protegiam das tempestades de areia podiam ser levantados a

qualquer momento nesses vazios que tínhamos convencionado chamar entradas e saídas. Não há privacidade e só agora estou a descobrir como isso nos torna mais leves.

Não teriam sido restos de uma educação conservadora, agora longe no tempo mas ainda perto na memória, a trazer-nos mais tarde, quase como um brinde inesperado, o gosto pela lentidão das coisas? Havia decerto razões mais brutais que não quero lembrar agora. A água é racionada, não nos lavamos todos os dias e nos dias em que a água é apenas para beber e cozinhar o corpo retrai-se e com ele todos os impulsos. Mais um dia, mais outro, e a falta de um espelho obriga-nos a uma aprendizagem dura, a sentir os relevos da cara, a alisar a pele com restos de gordura tirada dos lugares onde se cozinha, mas só quando temos garantido um acesso às celhas de água. Não potável, não fervida.

Resta o azul da blusa, nel blúuu, una altra fiaba c' é, esqueci o resto da letra mas a melodia é como um uivo nostálgico, da cantora esqueci o nome mas não que ela andava com um mafioso qualquer. Será que isso tira nostalgia ao uivo? A cor da blusa vai sendo comida, mas vai sempre ficando um resto de azul que prefiro às vestimentas oferecidas de empréstimo pelas mulheres. Elas toleram a blusa, aceitam o azul porque tem mangas folgadas e largura para tapar todas as formas. Se soubessem como a usei há anos, por cima do joelho sem mais. Mas nada disto é actual, mesmo eu teria agora de fazer um esforço para compreender que alguém, muito jovem ou menos jovem, ou eu quase que noutra incarnation, passe grande parte do seu tempo a compor a sua personagem, a emagrecer dentro de roupas elásticas, a fazer olhos de rabo de peixe?

Tudo aqui pode estar aberto porque tudo voltou a ser tabu. Mesmo sem porta, sobretudo sem porta. O cortinado diante de cada cubículo é uma barreira visual, excita o desejo e a transgressão, mas também desvia essa parte que em nós quer ficar agarrada ao olhar, colada ao seu rasto. Prefiro pensar com os olhos atraídos pela cor da blusa, mesmo desbotada, blúuuu, sotto un cielo tinto in blú, como numa canção italiana que uma prima minha ouvia em 45 rotações a todas as horas do dia, e toda a gente acaba não só por se familiarizar com o que começa por considerar abominável mas inclusivamente por gostar dele. Blú. Linho muito fino mas muito resistente. Que havia de dizer a tia-avó Gilda, que só punha a blusa em dias de festa e que ma ofereceu quando o marido caiu do cavalo e morreu semanas depois quando já toda a gente esperava que ele recuperasse e ela fez a promessa de só usar as roupas pretas que tinha no guarda-roupa e dar as roupas de outra cor a todas as mulheres da família?

Contei a história a Juán, mais a fama que a tia-avó tinha. Todos sabiam da promessa, mas feita a quem, a que divindade? A tia era radicalmente laica, tinha estudos de história de arte e ajudava um parente afastado numa galeria, com um horário liberal para atendimento e vendas e na altura das exposições. Uma alma prateada e preta, cinturada, rodada. Poupada nos sorrisos e nas palavras mas dando a todos a sensação de se ser acarinhado. Tinha na galeria um retrato a óleo, com um decote preto fundo e o cabelo apanhado e logo houve quem a ligasse ao autor do retrato. Nessa sinceridade infantil por que todos passamos para aprendermos depois a dissimular, fui-lhe comentar os boatos que ela já estava farta de conhecer. O que ela aproveitou para me dar algumas noções, provavelmente foram as primeiras, de como o eros passa por momentos, muitos, que não são sexo, de como a intimidade pode tornar-se uma energia sem palavras, que deixa para trás o esclarecimento da questão se terá havido sexo. O que há é um tecido espesso, uma membrana que nos prende, mas que se rompe quando a proximidade começa a sufocar. Já não me lembro das palavras que ela usou, nem como fixei o que me disse para que a memória neste momento me devolva uma matéria escassa mas ainda assim cheia daquele ímpeto, de coisas vitais e imediatas.

Não podia deixar de contar a Juán esta história e outras. Até porque temos que entreter-nos com histórias porque não sabemos quando vamos sair daqui. Até porque Juán está aqui enquanto Lou já saiu de cena. Ao diabo as Ingrids do mundo.

Os nossos protectores, que outro termo posso usar? Não nos impedem de ir embora mas a forma como nos desaconselham a meter pela única estrada que sai daqui faz supor que estão para além dela detrás imagens terríveis e muito recentes. Rodeados pela insegurança num raio de milhares de quilómetros, de areia e de poeira, para não contar com as montanhas a oeste, com grupos armados, antes de poder alcançar qualquer dos portos mais próximos – assim penso que estamos, mas tudo isto acaba por ser uma só conjectura, ainda apoiada na memória dos mapas que me faziam perder horas desde miúda, nas manchas de relevo, de deserto e de mar, dos recortes das costas que repisava como se fossem fórmulas químicas, ou que contemplava como se fossem pinturas abstractas?

Ter de ficar aqui, disse Juán um destes dias mas podia ter sido eu a dizer, é uma oportunidade para enterrar coisas do passado como a obsessão das correrias, dos horários, das agendas, dos programas. Palavras que nunca poderia ter sido Ingrid a dizer porque toda ela é uma agenda, um programa. E como não tinha sido eu a dizer o que desejava ter dito, lembro que lhe respondi que vivíamos de momento numa solução muito cómoda para os dilemas que aparecem quando se quer gerir a liberdade com agendas e programas. Foi nessa altura que Ingrid passou a perguntar se queríamos chá e saiu daqui com a certeza de que estávamos a rir-nos dela. Como se não existissem motivos mais fortes para rir, para ter medo. Pobre Ingrid, a ter de inventar tendas que lhe podem dar uma última ilusão de segurança.

Em todo o caso, também para nós é muito alto o preço pago para enterrar vidas anteriores, correrias, horários, agendas, programas, hesitações sobre com quem ir jantar, se com um amigo por razões de confiança, se com um colega por razões de conveniência, se sozinha com recordações incómodas, se com um potencial amante porque não convém deixar de treinar as garras, se com uma nova possibilidade para além de todos os cálculos, uma página ainda por inscrever. Aqui todas as recordações parecem tornar-se cómodas só porque estão longe, por mais que doam. O cerco, que é o que vivemos aqui embora nos garantam repetidamente e eu, ou uma parte de mim, esteja também convencida que não, esse cerco transforma tudo numa miragem que se folheia um pouco como os cadernos que na nossa infância ainda escrevíamos à mão e tínhamos de ter em dia. Quando uma vez a professora recolheu inesperadamente os cadernos para um controlo que ninguém esperava, deu-se conta de que eu tinha deixado para trás um número inconsiderável de tarefas minuciosas (para fazeres o quê? teria perguntado Al) e que tinha de recuperá-las a dobrar. Foi uma das poucas vezes que chorei na vida, e em frente de uma turma inteira, ao ouvir a sentença.

O peso das coisas pode sempre redistribuir-se, que diria o meu antigo director de serviço se tivesse de transportar água, de a ferver, de fazer chá e pão? Seria capaz de mostrar-se agradecido por todas as pequenas oportunidades de servir, pela certeza de ir assim sobrevivendo? Ninguém sabe, pois quem conhece as brincadeiras infantis que cada um de nós teve e que mais tarde, em situações como esta, podem ser recuperadas quanto mais não seja para nos mostrar como o nosso instinto de adaptação nos dita cada gesto num ambiente desconhecido ou hostil? Quando começamos a adaptar-nos, acontece quase sempre qualquer incidente, por mais insignificante que seja, que nos obriga a mudar de tática, a comportarmo-nos como se tivéssemos um biombo incorporado, o que implica desacelerar, espiar, dissimular. A parede espanhola. Não custa muito, não custa nada, partir a cada momento de um it's great to be alive, de um

gracias a la vida, mesmo com pouca água, mesmo sem espelho, mesmo com a blusa de azul comido pelo sol, mesmo com o cabelo a descolorar-se.

Há dois dias, melhor, há duas noites pedi emprestado um burnus para sair. Pedir o burnus já era pedir permissão, como no meu país a criatura que diz ir comprar cigarros à pessoa ciumenta com quem partilha espaços e tempos e que pretende controlar tudo, com ou sem contrato. Quantas vezes tive inveja de todos esses contratados, esses pactuados, esses habituados, esses reféns cronometrados, sobretudo por alturas do solstício de verão ou de inverno, das grandes viagens e festas tribais. Esquecia-me que eu própria tinha sido contratada e tinha rejeitado a hipoteca da liberdade para minorizar futuras doenças, para acompanhar futuras decrepitudes. Acabava por me rir da situação mais do que provável que era uma esposa, para fora amantíssima, a gotejar para dentro pequenas doses de veneno, alfinetadas, como vingança de respiração lenta contra a presa que não podia fugir nem mesmo para regressar, vingança pelas horas passadas ao abandono, pelas imagens onde ao longo de tantos anos ela não tinha entrado.

Andas sempre atrás de miragens, censurava-me Al. E tu, respondia-lhe eu na volta imediata, olha quem fala.

Mas Juan avisou-me: Está-se a preparar qualquer coisa que nos vai envolver a todos e nos obriga para já a estar vigilantes. Mas que podemos fazer a não ser precisamente isso, estarmos atentos sem sabermos a quê, como um gato caseiro que de repente é abandonado na rua e não tem outro recurso senão afiar ainda mais as garras, os instintos. Até agora compensámos os medos com brincadeiras que imaginamos terem-se passado numa corte muito antiga, onde por detrás de leques, medidas e vénias se diziam com voz doce as frases mais cruéis. Para não falar do perigo de passar perto de mais de qualquer reposteiro nos corredores de um palácio, quase sempre mal iluminados e mal aquecidos.

Mas aqui os reposteiros são mais comuns do que as paredes, sem contar com o burnus que vou usando mais vezes desde que me apercebi que com ele as mulheres agradecem que me embrulhe e os homens me deixam em paz. Pobre Ingrid, mais uma vez mostrou o seu nulo sentido de humor e mesmo o perigo que podia correr como militante ideológica, sem sentido de jogo. Ou melhor, a militância está sempre a devorar e a vomitar a cada passo o único jogo nele possível, a torná-lo irreconhecível pois perdeu a sua leveza ao ser carregado com uma ideologia que corta a direito, a vociferar contra o que diz serem submissões amargas em tantas latitudes e tantos climas, que mistura os corpos de mulher num cocktail de laboratório sociológico, sem ter experimentado – suponho eu – a doçura dessa submissão, as suas armadilhas. De que lhe servia depois debitar, com olhar clínico, quem continuava a sofrer o quê. Antes que Juan abrisse a boca, eu tentava levá-la para longe das suas próprias frases, para coisas tão terrenas como o escolher a vasilha menos rota para a água, mendigar um pouco de farinha porque, conquista enorme, as mulheres nos tinham feito ver como se faz pão, como sinal de que podíamos passar a preparar essa cozedura tão simples, a usar o forno depois de elas o terem deixado, ainda quente. A alternativa, dizia-lhe Juan a brincar mas ela levava tudo a sério, era voltar a ferver água e a esperar.

Afinal não veio nenhuma tempestade de pó ou de areia, nenhum estranho entrou aqui, mas Juan veio dizer-me que tinha desaparecido um objecto importante e que desconfiavam de nós. Mais concretamente, de mim.

De que objecto se trata, por que razão desconfiam de quem se vê à légua que só quer ter paz e sossego neste preciso momento, respondi-lhe, ainda sem lhe ter contado as razões mais fundas que me tinham trazido aqui. Volta-se sempre ao lugar do crime, não

é, sobretudo aos lugares onde se deseja que isso sirva para remediar qualquer coisa. Mas podia tratar-se de qualquer objecto, mesmo que parecesse anódino e sem valor noutras circunstâncias. Aqui um jornal de semanas, que chega de fora a embrulhar legumes, pode criar um sentido novo. Quantos anos levámos a cantar Who wants yesterday's papers, ainda antes de começarem todas as sagas das reciclagens, das ameaças aos climas. Aqui nada se recicla. Usa-se sem se gastar. Ou não existe, a não ser na memória de quem vem de fora. Respira-se o pó que se tem.

Antes, quando chegava alguém de fora, agora cada vez menos devido aos perigos que se dizia estarem a aumentar, alguém trazia essas folhas que depois ficavam ali, manuseadas por todos os que percebiam a língua, e nós, os de fora, tínhamos de aproximar-nos de Juán para que nos segredasse o conteúdo com a boca na orelha. Ou um instrumento cortante, utensílio, não arma. Ou uma reserva de comida especial, preparada com a antecipação de quem sabe estar próxima uma festa comunitária. O dinheiro não tinha valor. Nem um resíduo tecnológico qualquer.

Mas as coisas estão a mudar. A desconfiança aumentou, querem saber coisas sobre cada um de nós, pensam que cada um de nós tem atrás de si uma série de histórias que quer esconder. Pobre Juán, mais uma vez é a ele que fazem perguntas e ele tem de dizer que não sabe, que ninguém lhe contou nada, que a única coisa que queremos, pelo muito pouco que cada um de nós lhe terá dito, é ir ficando ali até que se esclareça qualquer situação que ele apenas pode intuir pelo muito pouco que cada um de nós lhe disse. Foi o teste para Ingrid, que tentava entrar com uma bandeja de chá e se enredou no reposteiro improvisado. Enquanto Juán se interrompia com um olhar de autocensura e se levantava do chão, onde estava sentado comigo, para a ajudar, saiu-me da boca que infelizmente ninguém é tão poderoso e ruim como desejaria, talvez porque lhe faltavam os seis braços da deusa Kali, braços que davam jeito naquela situação, assim como teriam sido muito úteis em recepções de bufete, para o prato, o copo, o talher e os gestos de cortesia. Apesar das ajudas, Ingrid entornou chá no tapete e eu propus partilharmos o que tinha ficado nos púcaros, não íamos criar hostilidade ao gastar, não disse frivolamente, mas pensei. A palavra soava à abundância que era agora de outras galáxias. Mas foi o suficiente para Ingrid desatar a rir, o que era estranho no seu trato habitual, reservado e seco.

És capaz de guardar muitos segredos mas também sabes muito pouco desta gente, disse-me em alemão, a única língua que Juán quase não percebia e que eu tinha tido de aprender aceleradamente em tempos. Como sabes por exemplo se não têm acesso a fontes subterrâneas, a minérios preciosos, lá nas montanhas, para não falar daquele sítio arqueológico, Gebrael?

De repente, parecia-me que Ingrid se tornava mais inteligente, esporada pelo sentido de competição. Tentava superar-me em riso. Fosse. Não podia, não queria responder-lhe nem com outro sarcasmo, nem com um argumento mascarado de sério. Tudo o que Ingrid tinha para dar, tinha de ser dado dentro do corsete da sua ideologia de que nunca se podia despir.

Tens razão, não sei. Mas se eles não nos querem dizer lá terão as suas razões, não achas? Até lá é melhor fazermos o jogo deles. Não nos convém?

Consta que está a chegar gente de fora.

Se assim for só pode ser uma equipa de televisão, já agora com geradores e antenas de comunicação próprios. Prepara-te para venderes a tua história da forma mais adaptável a uma sequência de episódios, é como se ganha mais dinheiro.

Juán mandou-nos calar. Em tantos dias, marcados por tantas noites, de ameaça suspensa, qualquer coisa se soltava ao ouvir uma ordem clara, numa língua inteligível. Desta vez era Ingrid a captar o tom, não os sons de uma língua que não entendia.

Ele tem razão. Por que estamos a discutir se devíamos ficar do mesmo lado, pelo menos fazer um pacto?

Impossível contigo – Ingrid outra vez.

Não devia estar tão mal como isso, para continuar com as birras, pensei. Mas senti-me cúmplice dela, pela primeira vez.

Saí para ver se era verdade o que Ingrid dizia da água. Não era bem por isso, porque não tinha meios próprios para verificar. Aproximar-me das montanhas pelo meu pé, mesmo tendo conservado intactas as faculdades locomotoras, ao contrário por exemplo do joelho de Juán, com artroses muito antes dos anos, isso representava dois dias e uma noite de caminho. Sabia-o pelo trajecto que me tinha levado àqueles paragens. E quando tinha passado pelas montanhas não vi qualquer sinal de fontes subterrâneas, mas apenas uma população muito jovem, que parecia estar ali a preparar-se para sair para outros sítios, nem um velho diante da abertura das casas de adobe, nem uma velha a espreitar pelo buraco da janela, por detrás de um recipiente de barro em lugar de cortina.

O meu reposteiro, aliás essa manta esfiada e já incolor, é o último luxo que tenho para além da blusa azul. O resto tenho de ganhar com pequenas habilidades de mãos que ainda aprendi em casa dos meus avós, longe do mar, longe da substituição inconsciente de qualquer objecto avariado, tornado inútil. Não era possível sair dali, o melhor era regressar à base e ficar no terreno já conhecido, apaziguar-me com as pessoas que partilhavam a mesma sorte, embora por motivos diferentes.

Tréguas, senhores e sobretudo senhoras. Vamos tomar o chá que ficou.

Juán e a sua verve, todos os dias exercitada nas línguas que precisa de falar. Tinha razão, devíamos fazer tudo para não levantar os ânimos, para não gastar forças de que necessitávamos para os pequenos impasses, para o receio das tempestades que sentíamos aproximarem-se. Ingrid debatia agora com o veterano dos estrangeiros, e aí reconheci Lou, olhos azuis em frente cerrada contra olhos azuis, a voz metálica dela a defender princípios ali inúteis, a bater contra a outra voz cansada, quebrada mas serena, a mão fechada em punho contra a mão que desenhava. Lou nunca dava um passo sem o seu bloco, pequenino que cabia no bolso, mas a que também já iam faltando folhas brancas.

Sentámo-nos os quatro, Lou estava de volta, por instinto tentei compor o reposteiro que só se deixava fixar num dos lados desse alpendre a que eu chamava a minha tenda. Do plano inferior onde estávamos agora sentados, depois de dividir o resto do chá pelos púcaros, era esse pedaço de tecido desbotado que me parecia a imagem da pura ilusão, ilusão de privacidade, de isolamento, dos ruídos, das poeiras.

Ao relembrar o que se passou a seguir, como os ruídos se avolumaram e precipitaram, como o que restava do reposteiro acabou por ser derrubado até que deitei uma última mão para o recuperar, como não foram só os sons mas uma onda de gente a entrar por aqui dentro, a pisar os púcaros, bem precioso que não era nosso mas da comunidade, não posso deixar de pensar que mais uma vez tive sorte. Desta vez foi Ingrid que começou a gritar tão alto, a misturar línguas e impropérios. Levaram-na para longe.

Já tinha perdido há muito a noção, a sensação física de pecado que costuma apertar o diafragma, assim que não me censurei pela satisfação de não ter sido Juán nem Lou. Desta vez pelo menos. Já não há luz à noite, o papel está a esgotar-se, já só restam cinco magras folhas para escrever não sei o quê, pois até este momento tinha a sensação, ou mesmo a certeza, de ser possível contornar indefinidamente tanta coisa indizível.

Como ordenar prioridades, como fazer uma selecção das palavras para que haja ainda lugar para dizer um número estrito de coisas. É precisamente em momentos como este

que a necessidade de depurar é afogada por considerações que aparecem como prioritárias e nos comandam a mão. Em tempos remotos, aprendemos a escolher, sobretudo quando perdemos relativamente cedo as ligações umbilicais, quando percebemos que nossos pais estão noutra galáxia e só de vez em quando se aproximam do nosso planeta. Já se torna mais difícil estender essas afinidades electivas aos estudos, ao trabalho, aos afectos. O confronto com os estranhos que à partida se reconhecem como estranhos é menos doloroso de aceitar com as oposições surdas ou a explosão de conflitos com quem devia estar do nosso lado. (Escrevo, não apago, embora soe a obsoleto: do nosso lado da barricada. Mas estou a gastar papel.)

Que fazer agora? Há muito tempo que perdi a noção de viver na cidade, de gerir obrigações e horários, liberdades e caprichos, necessidades reais e iludidas. A viagem que fizemos até ao outro lugar, Al e eu, deixando os outros para trás, foi já um caminho que sabíamos que podia ficar sem regresso. Nada sei de Al, mas penso que voltou à sua rotina. Num limite, nada tinha a censurar-se, a não ser um sentimento estúpido ditado por códigos de honra que não sei se alguma vez irão desaparecer. Fomos ameaçados, ele hesitou, eu não. Fui eu que o imobilizei e foi esse o preço de continuarmos vivos. Não me voltei para ver se ainda mexia, arrastei Al por um braço dali para fora e consolei-me com a ideia de que alguém o teria encontrado e curado.

Gostava de poder chorar como vi chorar homens como Al, no seu desejo de voltar para junto de uma mulher e de uma filha que não sabia onde estavam. É ainda um cérebro, uma alma que consegue ter pena de alguém que foi criança, acarinhada ou maltratada, que andou numa escola, que teve esperança e criou expectativas noutros alguém. Para além dessa abstracção de piedade universal, quase nada há em comum entre um desconhecido que nos aponta uma arma de fogo e que alguém tem a sorte de apanhar por detrás com um objecto contundente. Faltou consumir a garantia de que mais ninguém nos iria seguir, reconhecer, molestar. Al nunca seria capaz de matar galinhas, o que não é grave. Pior é não saber defender-se.

Não lamento Ingrid, a pessoa que tantas vezes tinha mostrado ciúmes e raivas, tão pouco oportunos como esses outros momentos em que pretendia obter solidariedade feminina, como se eu alguma vez soubesse o que isso era e como se tivesse vontade de pedir-lhe que me explicasse. Também Ingrid foi criança e agora parece interrompida no seu envelhecimento. Ou são as sardas que disfarçam as rugas, essas que me estão a selar a boca?

Onde estará agora Juán, que também levaram daqui a pretexto de lhe darem melhor tratamento, depois de eu lhe ter prestado os primeiros socorros, rasgado uma tira da manta para lhe ligar o braço (e para poupar a blusa azul, tudo o que me resta agora)? Levam-nos os corpos das pessoas conhecidas, das íntimas e das estranhas. Estamos arredados da História. Sozinha com Lou, pela primeira vez na vida tenho medo, mas talvez seja apenas medo do medo. Tento cantar, compor notas ao acaso, aflita por não me lembrar já das melodias que em criança cantava nas festas, nem as que recompunha no caminho a pé para a escola, nem as que relembrava no dia a seguir.

Estamos vivos, com forças, Lou. Não nos deixemos dominar por esta tristeza que paralisa mais do que o medo. Não cheguei a dizer. Faz-me um ninho de braços e mãos e é grande a tentação de me encostar para tentar enfim viver, sem ter de contar, a história que nos estão sempre a roubar. Não estamos aqui no meio do nada, pois não? – consigo finalmente dizer. Imagina que estamos numa festa. Ingrid foi tomar ar lá fora, Juán cortou-se ao abrir uma garrafa de cerveja e foi à casa de banho buscar um penso rápido ou uma compressa, não sei bem o que se pode encontrar em sítios que não são os nossos, se nem nós sabemos o que vamos armazenando ao longo dos anos e que só os

nossos herdeiros desembulham, desengavetam, desfazem. Não tenho herdeiros. Tudo muito prosaico, como se vê.

Só há que ter medo do medo, disse o outro. Até para isso, sobretudo contra isso, há drogas maravilhosas. Mas basta-me ver os outros tomá-las, observar os efeitos para partilhar um pouco dessa euforia química, que quase sempre é ajudada por muitos projectos de curto prazo, e assim vai rodando o mundo sobre quatro rodas até os motores pararem por falta de combustível. Em que falhámos, Lou? Mas Lou apenas tenta acalmar-me com os dedos pelos cabelos, como se fosse incapaz de me dar uma droga mais forte, quanto mais não fosse de me oferecer para eu ter o prazer supremo de a recusar logo em seguida. Aqui ninguém joga comigo esse jogo, o nosso preferido, não era, Al, onde quer que estejas.

Lou adormeceu. Tento desprender-me do seu ombro para ir ver o que se passa lá fora, por que razão tudo parece tão calmo, sem uma aragem, sem um ruído para além dos cantos roucos dos vigilantes no caminho da chegada, nesta noite que acabou por se pôr tão límpida.

Tudo foi um pesadelo. É tão fácil imaginar-nos todos num cenário de festa, alguns foram dormir depois de se terem excedido, não havia razão para isso pois ninguém se interessa por nós, nenhuma estação televisiva, nenhuma rádio, nenhum jornal. Estamos aqui como numa cidade das metrópoles ricas no mês de Agosto, todos fogem para as suas imagens do paraíso e deixam a cargo dos outros montar pequenos infernos para que possam, em boa consciência, defender policialmente esses mesmos paraísos, rodeá-los de arame farpado e câmaras de vigilância. Para cá de tudo isso, cada um de nós pode ir a pé pela estrada sem saber muito bem aonde ela vai dar. Não me apetece experimentar, apesar de estar segura de que passadas as montanhas podia encontrar alguém que fale uma língua acessível.

Ainda hesitei enquanto Lou dormia. Muitas vezes precisamos de uma consciência exterior e esta era acolhedora, apaziguadora, com um olhar que parecia torná-lo mais um primo daqui, com um corpo estreito mas flexível, tão diferente do de Juan. O dominicano tinha os passos pesados mas cantava com a voz. Na sua gordura sanguínea acabava por ser mais aéreo do que aquela estaca magra que deixava um rasto de suor seco em cada um dos seus passos lentos.

Só muito mais tarde soube que tinha uma doença incurável, mas nele isso apenas criava alterações muito ligeiras na maneira de estar. (Gostaria que Al o tivesse conhecido, Lou curá-lo-ia dos seus medos, das suas hipocondrias.)

O céu tornou-se numa cadeia densa, de pontos que se sentem como palpitar, mesmo frios. Há quantos anos? Uma vez, um amigo de Al que era piloto convidou-nos para nos sentarmos com ele no cockpit, os homens conversavam sobre futebol e mulheres como se eu não existisse naquele lugar e foi assim que pude observar como aquela cidade de milhões parecia dirigida para uma única pista iluminada, de luzes em linha. Um pouco como agora, quando experimento sair da tenda e de todos estes pesadelos, quando passo o último reposteiro e só vejo à minha frente uma estrada que parece nada mais querer do que levar-me para longe, desde que consiga fazer uma última marcha, a mais longa marcha a pé. Até Gebrael?